

Uma Nova Determinação

Caros Participantes da Aliança para os ODS
Ilustres Embaixadores e Embaixadoras
Amigas e Amigos

Permitam-me que vos fale antes de mais da Paz. As Nações Unidas foram criadas para fomentar a Paz, garantir a segurança e resolver conflitos por via diplomática.

O desenvolvimento harmonioso da Humanidade, sem deixar ninguém para trás, é uma condição da Paz. A Agenda 2030 e os ODS são um compromisso assumido por unanimidade na Assembleia Geral das Nações Unidas em 2015 e são um compromisso para a Paz.

Mas os últimos tempos têm sido de regresso das velhas ameaças. Voltámos a ter guerra na Europa com a invasão da Ucrânia pela Rússia de Putin. Já se não fala de um mundo global, mas de interesses regionais. As necessidades da Humanidade são postas em segundo plano, substituídas pelas necessidades de Estados, Regiões, Uniões ou Alianças de interesses comuns. As responsabilidades dos Governos são esquecidas em nome das Soberanias nacionais. Mares, florestas, colheitas, canais de circulação e preciosos recursos alimentares são disputados em nome de seguranças nacionais.

Nunca como hoje dispusemos de tanta informação e tão prontamente disponível. Mas parece que isso serve mais para ressuscitar velhas querelas, manter vivas guerras do passado, mostrar, como se fossem de hoje, conflitos ocorridos há mais de 2500 anos, como se a História não servisse para aprender, mas sim para recordar e acirrar rivalidades e ofensas de gerações passadas. Pela primeira vez na História os apocalípticos são escutados e fazem movimentos. Em vez de construir o futuro parece haver mais interesse em (re)construir o passado. Reclamam-se muitos direitos, mas fala-se pouco de responsabilidades.

Mas a verdade é que só temos direitos uns em relação aos outros.

Esquece-se que não temos qualquer soberania sobre a Natureza, qualquer possibilidade de exigência sobre o clima, qualquer poder sobre a Biosfera. Temos apenas responsabilidades e obrigações, temos de reduzir todo o mal que já fizemos, temos de aprender a viver sem destruir, temos de criar um modelo de desenvolvimento que seja gerador de soluções para uma vida melhor e não de ganâncias que nos tornam a todos vítimas de uma corrida para o abismo.

Estamos a meio do período de execução da Agenda 2030 e dos ODS, e podemos constatar a enorme adesão que registou nas Pessoas em todo Mundo **e quão pouco interessou aos fazedores de decisões, que mantiveram o essencial da prioridade absoluta ao crescimento das suas esferas de influência e poder**. Podemos constatar que enquanto por um lado avançamos na criação do mundo que toda a Humanidade quer, por outro a corrupção delapida os recursos e gera desânimo e descrença, com consequências na distorção dos fins para que gestores e políticos foram designados e responsabilizados.

A ética continua a ser palavra e conceito sem adoção pública, valores e princípios não têm lugar nas bases do Poder, afastados por Leis que na prática punem mais pela investigação do que pela condenação, tantas vezes tardia e tímida.

Reconheço que não é fácil continuar a acreditar em perseguir objetivos nobres e em construir um mundo melhor para as futuras gerações.

E, no entanto, tal é imperioso: *NUNCA DESISTIR, NUNCA DESESPERAR, disse uma antiga e grande senhora, recordando Churchill.*

Hoje a grande luta é contra os nossos erros do passado.

A grande esperança é a construção de uma economia de soluções e não de problemas, é um novo modelo de partes interessadas e não de senhores e servos.

É tempo de reconciliação. De deixar no passado o que é do passado e unir esforços para construir o futuro. Procurar construir equilíbrios mais do que vitórias, o Ser mais do que o Ter, conviver mais do que convencer e dialogar mais do que derrotar.

Reconciliação com a natureza, com os vizinhos e connosco próprios, revendo o que queremos e o que de facto nos faz felizes. Procurando o bem estar hoje, mais do que correr para o acidente cardíaco de amanhã. Trabalhar para ganhar a vida e não viver para trabalhar, consumir para usar em vez de viver para consumir, possuir o que somos capazes de melhorar em vez de possuir para dominar sem servir.

Que tem tudo isto a ver com os ODS e a Agenda 2030? Atrevo-me a sugerir-vos que tem tudo e que está bem claro no **ODS 16 – Paz, Justiça, Instituições Eficazes**

Como haverá Paz se os detentores do poder não resultarem de processos de escolha livre e democrática?

Sem Paz como vamos pensar na vida das futuras gerações? Quem se preocupará com impactes ambientais, quem destinará recursos para mudar o rumo do desenvolvimento?

Sem a certeza de Justiça num Estado Justo quem confiará no futuro, que egoísmos se espalharão por toda a parte?

Sem Instituições eficazes quem nos defenderá dos predadores, dos que usam a Lei para sua vantagem, dos que violam os deveres dos seus cargos?

O Secretário-Geral António Guterres apenas alguns dias atrás em Davos, teve palavras duras e evidenciou tendências muito graves, mas reafirmou a confiança na Humanidade.

Temos esperança que a responsabilidade dos líderes mundiais prevaleça e apesar dos altos e baixos a tendência geral se mantenha na criação de um novo estilo de vida e de um novo modelo de desenvolvimento.

E que tem tudo isto a ver connosco? Afinal somos apenas um pequeno país num largo mundo, apenas uma pequena presença sem poder militar ou económico, apenas uma pequena voz numa grande mesa. Sem dúvida somos pouco influentes, mas podemos fazer a nossa parte e ser um exemplo para outros igualmente pequenos, formando uma força conjunta difícil de ignorar. **Seremos na medida do que formos capazes de fazer e defender.**

E temos feito. É reconhecido o trabalho das Empresas para se adaptarem a novas formas de obter energia, inovar em produtos mais sustentáveis, mais ações na Sociedade e mais igualdade e melhor cuidado com as suas Pessoas. É reconhecido o trabalho das Instituições Públicas, centrais e Locais, adotando a Agenda 2030 como guia para muitas das suas políticas, reduzindo impactos negativos e investindo num futuro mais sustentável.

A Aliança é e continuará a ser um testemunho de empenhamento e um catalisador de práticas, tanto pelas organizações que a integram como através da influência e exemplo dos seus Embaixadores e Embaixadoras.

Em 2023 abre-se uma nova etapa na nossa Aliança, com maiores oportunidades e desafios. Permitam-me referir alguns exemplos:

- A Corporate Sustainability Reporting Directive da EU, que coloca a muitas empresas novas obrigações de relatório, e o apoio que isso irá requerer.
- A Unesco propõe a adoção de um exigente referencial de Ética na Inteligência Artificial,
- A necessidade de assumir um papel atuante e de relevo no combate ao “greenwashing” e na validação de Relatórios ESG,
- A Organização Mundial de Saúde propõe a todas instituições das Nações Unidas um combate preventivo do maior flagelo de saúde que enfrentamos - as Doenças Não Transmissíveis.

Além da APEE e da UN GCNP, a Aliança para os ODS passa a contar com o apoio da UNA Portugal, a Associação das Nações Unidas no nosso País, que será uma plataforma potenciadora da nossa participação global. Fica assim plenamente aberto o caminho para a integração nas iniciativas multilaterais, e mais amplificada a mensagem que produzimos.

Vai valer a pena.

Apostar nos nossos jovens, na sua qualificação e na retenção do seu talento e iniciativa entre nós. Aprofundar a abertura ao mundo, das Empresas e Instituições, trazer o mundo para a nossa vida e conhecer para compreender e oferecer soluções.

Bater-se pela integridade na governação, pela ética nas organizações e nas novas tecnologias, pela qualidade de vida, pelo serviço mútuo, pelo bem-estar, pelo respeito e valorização de todos os que trabalham, por remunerações dignas e internacionalmente competitivas, pela saúde e não apenas pela ausência de doença, pela igualdade, diversidade e inclusão, pelo futuro e pela magnífica beleza da Terra e de toda a Vida que nela habita.

É tempo de persistir, reconciliar e renovar a determinação.

Contem connosco.

Obrigado

24 janeiro de 2023

Mário Parra da Silva